

Reflexões sobre Roraima

Caros editores,

Tenho visto algumas matérias a respeito dos riscos de incêndio em Roraima, em 1999. A última saiu neste sábado, 27/03/99, repetindo declarações feitas desde novembro pela bióloga do IPAM, de que os riscos de incêndio em Roraima este ano são 10 vezes superiores a 1998.

Não conheço a bióloga nem coloco em dúvida a competência dela para analisar as condições da floresta, mas gostaria de fazer algumas ponderações sobre o incêndio de Roraima e os riscos deste ano, como alguém que vem escrevendo sobre queimadas desde 1988 e como uma reflexão sobre as limitações a que nós, jornalistas, estamos sujeitos quando ouvimos uma única fonte.

Aí vão as reflexões:

1. O incêndio de Roraima de 1998 não foi detectado a tempo porque ninguém estava olhando as imagens de pontos de fogo do satélite NOAA sobre Roraima.
2. Ninguém estava olhando as imagens de pontos de fogo sobre Roraima porque o monitoramento de queimadas do INPE é feito, há 11 anos, durante a estação seca do Hemisfério Sul, de junho a outubro. Roraima fica no Hemisfério Norte e queima nos meses de janeiro, fevereiro e março, quando lá é estação seca.
3. Ninguém estava olhando as imagens de Roraima também porque a antena NOAA do INPE, localizada em São José dos Campos, não alcançava Roraima.
4. Depois do incêndio de fevereiro e março do ano passado, o INPE instalou uma antena NOAA em Cuiabá, que alcança Roraima, e o monitoramento de satélites é ininterrupto, ou seja, passou a abranger também os meses de seca do Hemisfério Norte.
5. O fogo em Roraima originou-se de queimadas agrícolas, que se transformaram em incêndios fora de controle devido à seca relacionada ao fenômeno El Niño. Como em todo resto do Brasil, o agricultor de Roraima sempre queimou antes de plantar e sempre viu o fogo parar sozinho na beira da floresta ou nas veredas e buritizais. Em 1998, surpreendeu-se com

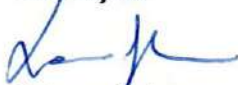
a penetração do fogo na vegetação nativa e não sabia como controlar este fogo.

6. A situação de seca não se repetiu este ano, que, ao contrário, foi um ano em que choveu acima da média em Roraima, no mês de fevereiro. Os dados da estação meteorológica de Boa Vista por exemplo, mostram que choveu pouco em janeiro (5,3mm) mas choveu três vezes a média (120 mm) em fevereiro e, até dia 22 de março choveu o costumeiro (7,9mm). Em 1998, a título de comparação, a mesma estação meteorológica registrou 0mm em janeiro, 10mm em fevereiro e 0,1mm em março. Em outras palavras isso quer dizer que o fogo que o agricultor sempre colocou nas áreas agrícolas, este ano voltou a parar na beira da floresta, sem risco de se transformar em incêndio. E, em fevereiro particularmente, isso quer dizer que os agricultores que tentaram por fogo nas roças não conseguiram, porque o solo estava encharcado.
7. Ainda em 1998, ao detectar a grave situação em Roraima, em março, o Ibama convocou equipes de controle de incêndios e o Exército entrou com seu esquema de emergência, atrasado, mas correto. Faltou bom senso ao Ibama, entretanto, para jogar pesado na informação ao agricultor, sobretudo por rádio, que é o meio mais popular. E o resultado é que havia agricultores completamente desinformados de qualquer medida legal ou da extensão do fogo, acendendo suas queimadas após as chuvas redentoras de 31 de março.
8. Este ano, traumatizado com as acusações de que foi alvo, o Ibama fez um programa de prevenção a incêndios envolvendo agricultores, embora ainda esteja limitado quanto à penetração junto a agricultores mais isolados.
9. As florestas abertas, onde o fogo queimou o sub bosque ficaram com galhos secos e restos de material semi-queimado. Este material é combustível para novos incêndios e é somente nisso que se baseia a afirmação da bióloga do IPAM, de que os riscos de incêndio são 10 vezes maiores. Acontece que, no ano que se seguiu ao incêndio, a vegetação não ficou parada: cresceram novas folhas, novas plantas e o material seco não está mais tão exposto. Além disso, estamos no fim da estação seca e, com as chuvas previstas para este final de março e início de abril, nem rezando este material pega fogo.
10. Em resumo, o incêndio de Roraima de 1998 foi um misto de falta de alerta (porque ninguém estava de olho no satélite), mais falta de competência (de reagir imediatamente, ainda em fevereiro), mais a falta de

sorte de estarmos num ano de grave seca associada ao evento El Niño. Uma conjunção de fatores que absolutamente não existe este ano.

11. Claro que e' importante avaliar o risco de incêndio para este ano. Faz parte do trauma pós-desastre. Mas sugiro que consultemos climatologistas para fugirmos a previsões parciais e às eternas choradeira por verbas. Tenhamos em conta, repito, que a estação seca está TERMINANDO em Roraima, que não temos El Niño este ano e temos gente de olho nos satélites.
12. Vale lembrar que o número de focos de fogo que os satélites vem apontando diariamente, sempre abaixo de 10, é irrisório. E se são poucas as queimadas neste ano, é bom ponderar porque. Será mesmo que o Ibama ficou efficientíssimo e aprendeu a lição com o desastre ou será que quer faturar em cima das condições favoráveis deste ano?

Abraços



Liana John